

## Turismo e Sociedade: notas exploratórias

*Maria Amália Silva Alves de Oliveira<sup>1</sup>*

*Jonas Henrique de Oliveira<sup>2</sup>*

### **Resumo:**

O presente texto é um relato das reflexões ocorridas no âmbito do Grupo de Estudos em Turismo e Sociedade – GETS. Relataremos a reflexão que tem norteado o conceito de turismo que estamos utilizando para análise e estudo do fenômeno e atividade turística e, em seguida, abordaremos um dos temas principais discutidos no último ano em nossos encontros, a relação turismo e violência na Cidade do Rio de Janeiro.

**Palavras chaves:** Turismo, Sociedade, Violência, Rio de Janeiro

### **Abstract:**

This text is about the reflexions of the Tourism and Society Study Group. In this we will present the results of the discussions about tourism and violence in our researches of the in Rio de Janeiro State.

**Key-Words:** Tourism, Society, Violence, Rio de Janeiro

---

<sup>1</sup> Docente da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO.  
Bacharel em Turismo e em Ciências Sociais. Mestre em Antropologia e Sociologia pelo PPGSA/IFCS/UFRJ e doutoranda pelo mesmo Programa.

<sup>2</sup> Docente da Universidade Estadual do Piauí – UESP  
Doutorando em Antropologia Social IFCS/UFRJ

## Introdução

A vida humana desenrola-se no quadro de coordenadas espaço-temporais. O espaço e o tempo são também fatores determinantes da constituição e do desenvolvimento de aglomerados sociais. A esta evolução estão ligadas a produção da cultura e a constituição do meio ambiente. Todo sistema de relações se inscreve num espaço em que se associam estreitamente o lugar, o social e o cultural. A Sociologia pode apresentar-se no entender de Pierre Bourdieu como uma “topologia social”, na medida em que representa “o mundo social em forma de espaço (a várias dimensões) construído na base de princípios de diferenciação ou distribuição constituídos pelo conjunto das propriedades que atuam no universo social considerado”. O espaço social é entendido nesta perspectiva como um “campo de forças” onde os agentes sociais se definem pelas posições relativas. O mundo humano torna-se um espaço de relações construído de acordo com os posicionamentos mútuos e com a avaliação que deles fazem os atores sociais.

A análise destas relações torna-se indispensável ao conhecimento do cotidiano das pessoas e para se compreender os “processos de negociação” existentes entre os diversos atores sociais. Comumente, afirma-se que o turismo é o encontro de culturas. Entretanto, consideramos que o turismo, como diria Levi-Strauss<sup>3</sup> “é bom para pensar”, isto é, podemos perceber no fenômeno em questão o arranjo de significados atribuídos às ações envolvidas no processo a organização social e a partir daí, retirarmos elementos para pensar uma ordem de questões. Observado pelo crivo das relações sociais, o turismo pode ser definido como o fenômeno que transforma espaços sociais ordinários em extraordinários<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> LÉVI-STRAUSS, C. O Pensamento Selvagem, São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1976.

<sup>4</sup> Essa observação deve-se a Rodrigo Rosistolato, inspirado em Bourdieu e Roberto DaMatta.

Rosistolato é doutor em Antropologia pela UFRJ, docente da UFRJ e membro do GETS – Grupo de Estudos em Turismo e Sociedade da UNIRIO/CNPQ

Roberto DaMatta, na obra *Carnavais, Malandros e Heróis* buscou explicitar valores, atitudes e sistemas de idéias que permitissem observar a criação da identidade social brasileira. Para analisar essa questão, o autor chamou atenção para a observação dos eventos sociais brasileiros e destaca que há princípios reveladores nessas ocorrências. Um evento promove a separação entre o cotidiano e os eventos extra-ordinários, sendo a passagem de um universo à outro marcada por modificações de comportamento e tais mudanças favorecem as condições para que o acontecimento ou evento seja percebido como especiais.

Segundo DaMatta, o que caracteriza um outro princípio revelador dos eventos sociais, refere-se ao fato do domínio do extra-ordinário ser segmentado, isto é, estar contido nesse fenômeno eventos previstos e imprevistos pelo sistema social. Na categoria de eventos previstos e constituídos pela própria sociedade, há aqueles *altamente ordenados*<sup>5</sup>, envolvidos em planejamento e respeito e os eventos dominados pela brincadeira, diversão e licença social; nesse tipo de evento, o comportamento é liberado e ocorre em decorrência da suspensão temporária das regras de uma hierarquia repressora. Para o autor, o melhor exemplo desse tipo de evento seria o carnaval.

Nessa linha de raciocínio, o fenômeno turismo encaixa-se na perspectiva de um evento social, pois rompe com o cotidiano de uma população nativa, ainda que essa possa ser, em alguns casos, pouco impactada pela atividade turística e também com o cotidiano daqueles que vão empreender a viagem turística, tendo em vista que é prerrogativa básica para a ocorrência do fenômeno, o rompimento das atividades relacionadas a teia de compromissos em que o agente da futura ação está imerso em sua vida diária. A ordem de questões resultantes desse evento social é

---

<sup>5</sup> Na obra citada, o autor coloca como exemplos as cerimônias, solenidades, congressos, aniversários, funerais, reuniões etc. DaMatta (1983)

que vem a ser o objeto do turismo e a proposta metodológica para a análise desse problema reside na transdisciplinaridade<sup>6</sup>.

Defendendo uma epistemologia do turismo, o Grupo de Pesquisas em Turismo e Sociedade - GETS da UNIRIO propõe, baseada no atual *estado das artes* do conhecimento em turismo, produzir conhecimento em turismo utilizando o referencial teórico da teoria do ritual para conceituar turismo e assim, analisar realidades concretas. O GETS nasceu do desejo de um grupo de pesquisadores interessados em aliar o estudo do turismo a perspectiva das Ciências Sociais, especialmente a Antropologia, sendo conduzido por pesquisadores provenientes da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ e Universidade Estadual do Piauí – UESP, o grupo pensa o fenômeno turístico enquanto fato social (no sentido dado a esta expressão por Durkheim no século XIX). O turismo é o fenômeno em si, que se manifesta e pode ser apreendido no momento que espaços ordinários se transformam em extra-ordinários. Nessa perspectiva, o grupo encontra-se atualmente envolvido com a finalização da pesquisa que visa entender as implicações das noções de rural e urbano na atividade turística e também com o estudo da questão da violência e o turismo. Assim sendo, a proposta do presente texto é relatar o atual debate inscrito nos encontros do referido Grupo, e escolhemos para apresentar como o Grupo tem percebido a discussão turismo e violência no Rio de Janeiro.

### **As representações sociais sobre a masculinidade, a Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro e Violência: reflexões para a atividade turística**

---

<sup>6</sup> Além das disciplinas. Nessa ótica, o ensino parte do problema e assim as disciplinas são convidadas a responder aos questionamentos.

Existe na Polícia Militar um modelo específico de masculinidade que norteia as representações e as práticas dos policiais seja no trabalho ou quando estão de folga. Nesse sentido, os policiais podem ser considerados “homens de verdade”<sup>7</sup>, sobre os quais não há dúvida alguma em relação a sua masculinidade e diferentes símbolos contribuem para reforçar esse modelo. O que significa ser “homem de verdade”?

Ser “homem de verdade” implica em uma demonstração constante da masculinidade<sup>8</sup> e, nesse sentido, o universo policial possibilita que a masculinidade seja demonstrada para todos. Nesse jogo de demonstração, construção e reificação da masculinidade entram em jogo muitos aspectos, tais como: a farda, corpo em forma, a arma, o cacetete, a aparência, a disposição, a força, a postura, a violência como único meio para resolver muitos problemas sociais, etc.

Se a farda é um importante elemento na construção da masculinidade, ela também representa um perigo constante para os policiais quando estão em deslocamento de casa para o trabalho. Muitos policiais justificam o uso da farda neste deslocamento, mesmo sabendo do perigo que correm. Um policial me disse que se estiver fardado poderá solicitar a ajuda de um motorista para que este leve uma pessoa ao hospital em caso de acidente, mas sem a farda dificilmente esse motorista atenderia o seu “pedido”. A farda identifica e uma vez identificado o policial exerce o seu “poder de polícia” ao mesmo tempo em que se torna “alvo” das ações de marginais que os têm como inimigos.

Outra vantagem de ser identificado como policial é o sucesso que fazem com as mulheres, o que possibilita a saída do anonimato comum entre os paisanos. Um dos meus entrevistados disse que muitas mulheres são loucas por policiais, ainda mais quando estes estão fardados e com armas à mostra. Poder, autoridade, potência, virilidade, enfim masculinidade são elementos

---

<sup>7</sup> Ver Nolasco (1997)

<sup>8</sup> Essa demonstração constante pode ser verificada quando há um grupo de homens bebendo cerveja ou assistindo uma partida de futebol. Cabe ressaltar que dizer que um homem está “tomando” cerveja aproxima este do universo homossexual do qual todos os “homens de verdade” procuram não se misturar. O fato de um homem não torcer para nenhum time, não beber ou mesmo ser fraco para bebida feminiliza o indivíduo com essa característica.

transmitidos simbolicamente pelos policiais o tempo todo quando estão fardados. Afinal, a figura de um policial ereto, com o fuzil na mão, com disposição para enfrentar a violência da cidade, em muitos casos com um corpo malhado, se torna o protótipo de masculinidade hegemônica.

Um dos meus entrevistados disse que certa vez prendeu uma mulher quando esta furtava uma transeunte. Essa mulher era uma conhecida assassina da região na qual este policial atuava. Para não prendê-la, o policial aceitou favores sexuais. Eles ficaram juntos durante uma noite inteira e, segundo o entrevistado, com ele a coisa foi diferente.

Connell (1995:188) definiu masculinidade como uma configuração de práticas em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero. Existe, normalmente, mais de uma configuração desse tipo em qualquer ordem de gênero de uma sociedade. Em reconhecimento desse fato, tem-se tornado comum falar em “masculinidades”. Existe um perigo, nesse uso, de que possamos pensar no gênero simplesmente como um *pout-pourri* de identidades e estilos de vida relacionados ao consumo. Por isso, é importante sempre lembrar as relações de poder que estão aí envolvidas. Acredito que na Polícia Militar as diferenças entre os papéis dos homens e das mulheres encontram-se bem divididas e marcadas, sem a menor possibilidade de contágio ou mesmo confusão.

Misse (2005:44) dá uma importante contribuição para esta discussão ao constatar que há um estigma associado à passividade feminina, o que contribui para explicar a posição social inferior da mulher na sociedade brasileira: “entre os atributos da ‘feminilidade’ encontramos praticamente o ‘passivo’ em toda parte: no frágil, no tímido, no recatado, no sacrificado, no dependente, no masoquista. A própria posição e função sexual da mulher é designada como passiva pelo discurso dominante”.

É interessante notar que duas mulheres que entrevistei na minha pesquisa de campo eram oficiais e executavam trabalhos internos nos batalhões em que estavam lotadas e, segundo me disseram, tinham medo dos patrulhamentos na cidade, pois além de temer pela própria vida,

sendo esse medo comum entre os policiais de um modo geral, elas temiam sofrer alguma violência sexual como o estupro, por exemplo.

A masculinidade presente na Polícia Militar se apresenta de muitas formas. Seja do ponto de vista da virilidade, seja através de ações mais enérgicas em relação à violência impetrada pelos traficantes que atuam em atividades ilegais na cidade do Rio de Janeiro. Esse é um ponto muito importante, porque, segundo os policiais, um dos maiores medos dos traficantes é o de “serem esculachados”.

Aqui caberia a seguinte pergunta: o que estaria por traz de “ser esculachado”? Desta, duas interpretações são possíveis. Ser esculachado pode representar uma ameaça à masculinidade, pois revelaria um lado mais próximo do feminino, o qual todo “homem de verdade” busca esconder para não ser visto como fraco, impotente e dominado pelos seus pares. Os policiais ao “esculacharem” um traficante reforçam a sua masculinidade e diminuem a dos seus oponentes. Nas comunidades onde o seu poder é maior, os traficantes são vistos como “homens de verdade”, mas sob a autoridade policial são estes que ditam as regras.

Entre os policiais que compõem a Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro é comum a idéia de que são eles os responsáveis pela solução da violência urbana na cidade do Rio de Janeiro. Em suas representações, somente homens preparados podem resolver o problema da violência, sendo que as mulheres se encontram totalmente excluídas deste processo.

De fato, não há como negar que a violência é um fenômeno que segue uma lógica masculina. Afinal, como explicar por que os homens matam e morrem mais do que as mulheres? Por mais que se tente responder a essa pergunta, estamos longe de encontrar uma resposta satisfatória. O que tenho certeza que essa explicação não pode ser encontrada nas diferenças biológicas entre homens e mulheres.

Os policiais se utilizam de muitas justificativas para as suas ações. Nessas narrativas, ficava explícito o fato de que os policiais, por serem homens, tinham uma maior competência

para conter a violência e manter as “coisas sob ordem”. Em nome da Lei e da Ordem, a violência contra certos grupos se torna plenamente legítima.

São os homens que, em geral, se envolvem em situações violentas como brigas, mortes, assassinatos, confusão nos estádios de futebol etc. A violência, como um problema social, ganha a cada dia uma nova cena neste espetáculo urbano e, no palco, encontramos a maior parte dos atores do sexo masculino.

A impunidade é um outro elemento que concorre para o aumento da violência policial porque faz com que os policiais não questionem o excesso de violência das suas ações contra os cidadãos. Para os policiais, a violência é um meio legítimo para a manutenção da ordem social. A cada ano a Polícia Militar do Rio de Janeiro, a partir de suas ações violentas, contribui significativamente para que o Brasil seja considerado um país que desrespeita e viola os Direitos Humanos<sup>9</sup>.

Os policiais quando estão nas ruas estabelecem uma negociação com a realidade que faz com que a leiam de acordo com as suas próprias experiências. Não existe um comportamento único entre os policiais quando estão nas ruas. Por mais que todos tenham recebido um “treinamento padrão”, os policiais interpretam a realidade das ruas de acordo com as suas experiências, trajetórias ou estilos de vida. Um mesmo crime pode ser interpretado por dois policiais de maneira completamente diferente. É o policial quem julga, define e estabelece qual a ação que será tomada. Em relação ao poder discricionário da polícia, Costa (2004:103) afirma:

---

<sup>9</sup> Segundo Silvia Ramos (2003), o Brasil possui um dos indicadores mais altos de violência letal do mundo, com 50 mil homicídios por ano e uma taxa de 28,5 homicídios por cada 100 mil habitantes. Para dar uma noção comparativa basta lembrar que países da Europa Ocidental têm taxas inferiores a 3 mortes intencionais por 100 mil habitantes e os Estados Unidos encontram-se na faixa de 5 a 6 mortes intencionais por 100 mil habitantes. O Brasil passou de 11,7 homicídios por 100 mil habitantes, em 1980, para 28,5 pelos mesmos 100 mil, em 2002, mais do que triplicando a taxa de violência letal e somando quase 700 mil pessoas mortas nesses 23 anos.

Embora o ordenamento jurídico, em boa medida, estruture e limite a sua atividade, os policiais gozam de um enorme poder discricionário nas suas interações cotidianas com a população. Compete ao policial decidir multar ou não um motorista relapso, interpretar se a manifestação pública atenta ou não contra a ordem, encaminhar ou não um marido violento à delegacia etc. inúmeros departamentos de polícia têm estabelecido normas internas de conduta. O objetivo dessa medida é restringir ao máximo a discricionariedade da atividade policial.

De fato, a análise do comportamento policial não pode ser dissociada das estruturas políticas, social e normativa que moldam esse comportamento que, sendo violento em determinados policiais, não pode ser explicado simplesmente a partir das motivações individuais.

### **Polícia e violência**

A Polícia Militar do Rio de Janeiro (PMERJ) tem sido alvo de duras críticas em relação ao excesso de violência utilizado em suas ações de policiamento e patrulhamento da cidade. Muitos especialistas, atores da sociedade civil, organizações não-governamentais, dentre outros, chamam a atenção para o fato de que as ações policiais atingem preferencialmente a população pobre, negra, jovem, do sexo masculino e moradores de favelas. A minha intenção não é criticar as ações dos policiais, mas compreendê-los em seus próprios termos.

Em relação à violência policial, Costa (2004:51) observa que: “esta questão tem sido largamente debatida por aqueles que se dedicam a estudar a atividade policial nas modernas democracias. Em primeiro lugar, é importante destacar que essa linha demarcatória não é fixa. O limite entre força legítima e violência varia em função da forma como cada sociedade interpreta a noção de violência.”

De fato, é a sociedade que interpreta a noção de violência e, em certa medida, tolera ações violentas da polícia contra setores marginalizados da população. Talvez, por isso mesmo, os policiais demonstrem pouco receio em relação à punição que poderão sofrer por agir fora do que estabelece a Lei. Na compreensão da “violência policial” somos obrigados a levar em

consideração muitos elementos. Além da escassez de dados em relação à violência policial, também são poucos os estudos que a abordem qualitativamente.

A polícia e, conseqüentemente, os policiais tornaram-se objeto de reflexão das ciências sociais muito recentemente. Ainda são poucos os pesquisadores que se dedicam a analisar a “violência policial” em seus múltiplos aspectos. Acredito que esse “desinteresse” em estudar a polícia remonta a um passado muito recente ligado à ditadura militar, onde a polícia prendia, agredia, torturava e, muitas vezes, matava pessoas classificadas como “subversivas”. Muitos destes membros das classes médias e altas da sociedade brasileira.

Por isso, acredito que os cientistas sociais ainda hoje não dão tanta importância à “violência policial” como objeto de reflexão e análise porque esse tema trazia à memória a lembrança da perda de pessoas queridas, de castigos corporais sofridos por alguns, o desaparecimento de amigos que foram torturados, presos e/ou mortos pelo regime militar que vigorou no Brasil entre os anos sessenta e oitenta do século passado.

Nesse período, a violência praticada por policiais aumentou significativamente na sociedade com o aval dos militares e, após a reabertura política, esta passa a ser fonte de preocupação dos cientistas sociais, pois o aumento da criminalidade contribuiu para elevar não só os índices da violência em geral, mas o aumento da violência policial em particular.

Outro ponto que dificulta as análises da violência policial é o fato de que são os próprios policiais, através das Corregedorias de Polícia, que recebem as denúncias e “investigam” as más condutas de seus pares. Talvez, por isso mesmo, sejam poucos os casos investigados dentro da polícia e, conseqüentemente, poucos policiais são punidos com afastamento ou expulsão daqueles que descumprem as regras estabelecidas pela corporação policial.

A violência policial é um tema importante para a compreensão das relações sociais contemporâneas. Sobretudo porque, em suas múltiplas faces, a violência assume a cada década novas características. O fato é que a violência policial é uma preocupação que atinge a população

em sua totalidade. A polícia é uma instituição legítima do Estado Moderno e, através da coerção social, busca impor limites e controlar as ações dos cidadãos.

As representações sociais associadas à PMERJ oscilam entre bons e maus, mocinhos e bandidos, heróis e anônimos etc. dependendo do que está em jogo, a posição dos policiais varia consideravelmente.

Muitos policiais consideram o trabalho da Polícia fundamental e isso dá margem para que se vejam como os “salvadores da pátria”, “heróis” e “mocinhos”. Em suas representações, é comum a idéia de que são fundamentais para a manutenção da ordem. Para eles, a PMERJ é uma instituição sem a qual a cidade viveria um “caos urbano”. Por outro lado, muitos policiais se sentem desprestigiados em seu trabalho. Consideram que são muito mal-remunerados e os riscos são constantes em uma cidade com um alto índice de violência como é o caso do Rio de Janeiro.

E, de fato, os riscos são muitos. Um policial<sup>10</sup> que entrevistei disse que, por ser morador de favela, não costuma andar fardado no trajeto de casa para o trabalho e que sempre lava a farda na casa de sua mãe, onde nasceu e cresceu, sendo conhecido por todos os vizinhos. No local em que mora, todos pensam que ele trabalha em um supermercado já que a sua esposa conseguiu algumas camisetas com a logomarca do supermercado em que trabalha. No deslocamento de casa para o trabalho e vice-verso, é comum ele usar a camiseta utilizada pelos funcionários do supermercado para evitar a sua identificação como policial.

Essa história narrada pelo entrevistado não deve ser considerada isolada, pois muitos policiais se utilizam de estratégias semelhantes para não serem reconhecidos como policiais. Devido à metodologia da pesquisa, não tive como mensurar se o número de policiais que buscam manter sua identidade oculta é maior do que o número de policiais que busca manter sua identidade a mostra.

---

<sup>10</sup> Soldado, 29 anos. 24º Batalhão de Queimados. 6 anos de serviços prestados à PMERJ na época da pesquisa.

Contudo, ser reconhecido como policial em uma cidade como o Rio de Janeiro, coloca em risco não só a vida do policial, mas também de toda a sua família. Esse risco faz com que muitos policiais prefiram trabalhar em locais afastados de suas residências. Se isso pode ser considerado uma estratégia para se livrarem da violência, também se torna um complicador à medida que os policiais são obrigados a percorrerem uma maior distância no deslocamento entre a casa e o trabalho.

Entre os policiais, o medo de ficarem desempregados e, portanto, sem condições de sustentar os seus familiares é, muitas vezes, maior do que o medo da violência urbana praticada contra policiais. Por isso mesmo, a opção pelo ingresso na Polícia Militar proporcionou uma estabilidade muito desejada. A polícia é uma instituição que permite aos policiais uma mobilidade social que dificilmente teriam caso executassem outras tarefas.

Por maior que exista o medo da morte entre os policiais, este não é um fator determinante para fazer com que os policiais deixem a Polícia e optem por uma atividade com menos riscos a vida. Um outro fator contribui para que este medo seja atenuado que é o fato de estarem em grupo, pois dizem sentir menos medo do que quando estão sozinhos nas suas atividades de policiamento.

Assim, estar em grupo possibilita o exercício de um de um determinado modelo de masculinidade comum. O que implica se livrar de características comuns ao universo feminino e reforçar valores presentes no universo masculino como virilidade, força, coragem, destreza, agilidade, racionalidade, agressividade etc. A seguir apresento algumas considerações teóricas sobre o conceito de masculinidade.

### **Relação entre masculinidade e violência policial: crime, medo e cultura**

O campo da violência é a manifestação de um jogo majoritariamente masculino, “coisa de homem” e, em certa medida, isso aponta para um caminho do porque os homens sofrem muito mais com a violência do que as mulheres sejam como vítimas ou como autores.

A “violência” é uma categoria polissêmica e, por isso, aciona muitas representações, sentidos e experiências. Apesar de muitas ações policiais serem consideradas muito violentas pela sociedade em geral, entre os policiais estas mesmas ações podem não ser classificadas como violentas. Nesse sentido, é possível afirmar que a violência possui significados diferentes dependendo de quem a aciona e das circunstâncias em que ela está sendo acionada.

Na tentativa de encontrar uma explicação para a relação entre violência e masculinidade, Trevisan (1997:18) questiona: “Seria a violência algo inerente ao sexo masculino? O macho típico é aquele que não chora, cospe de lado e coça o saco antes de sair por aí dando porrada? E aqueles outros homens diferentes, que mostram medo e sofrem: seriam menos machos por mais fragilizados?”. Esses questionamentos colocam muitos pontos “bons pra pensar” o modelo de construção de masculinidade que nos caracteriza como membros de uma mesma cultura.

Os jornais diariamente retratam fatos violentos ocorridos na cidade do Rio de Janeiro e nos oferecem um “termômetro social” de quanto este problema vem despertando o interesse da sociedade civil. Arendt (1994:16) afirmou que: “Ninguém que tenha se dedicado a pensar a história e a política pode permanecer alheio ao enorme papel que a violência sempre desempenhou nos negócios humanos, e, à primeira vista, é surpreendente que a violência tenha sido raramente escolhida como objeto de consideração especial. (...) Isto indica o quanto a violência e sua arbitrariedade foram consideradas corriqueiras e, portanto, desconsideradas; ninguém questiona ou examina o que é óbvio para todos”.

No dia 19 de dezembro de 2004, O Globo publicou uma pesquisa realizada pelo Instituto de Segurança Pública (ISP) sobre o medo da violência entre os cariocas<sup>11</sup>. A pesquisa constatou que apesar dos delitos serem predominantes nas Zonas Norte e Oeste, quem mais reclama dos problemas de violência e criminalidade são os moradores da Zona Sul. Logo, a pesquisa conclui, a partir dos dados, que as pessoas sentem medo real e virtual.

Coelho (1988:146) afirma que: “o assalto à mão armada nas ruas da cidade, o roubo às residências seguido de violência, o estupro e o latrocínio, são estas as ocorrências que exacerbam o *medo do crime*; são elas que provocam alterações nos hábitos de milhares de cidadãos, afetando suas rotinas cotidianas e deteriorando a qualidade de vida”.

Zaluar (1998:251) chama a atenção para o fato que “o crime cometido nas ruas, especialmente o crime violento, é hoje uma das preocupações centrais das populações metropolitanas brasileiras, segundo as sondagens de opinião feitas com uma certa regularidade. As novas imagens da cidade não são mais associadas à utopia liberal da liberdade e da segurança, seja no Rio de Janeiro e São Paulo, seja em Nova York, perdendo as velhas virtudes cívicas - civilidade, segurança, tato e confiança. As cidades, hoje, têm suas imagens tomadas pela deteriorização da qualidade de vida urbana, em que o temor da vitimização, tanto quanto as experiências direta dela, desmonta os operadores simbólicos com os quais se praticam os jogos sociais”.

Para Glassner (2003:33) a “cultura do medo” que tomou conta das relações sociais contemporâneas é difundida pelos meios de comunicação os jornalistas são os seus principais

---

<sup>11</sup> A pesquisa mostrou um ranking dos delitos mais temidos entre os cariocas e as principais mudanças nos hábitos das pessoas estimulados pelo medo. Entre os delitos mais temidos, roubo seguido de morte ficou em primeiro lugar com 15,5% dos entrevistados, roubo à residência ficou em segundo lugar com 15,3%, roubo a pedestre em terceiro com 13,1%, homicídio em quarto com 12,6% e em quinto lugar roubo de veículo. Entre os principais hábitos modificados pelo sentimento de medo, chegar mais cedo em casa e evitar sair a noite dividiu o primeiro lugar com 79%, não sair com pertences de valor ficou em segundo lugar com 74%, não sair sozinho ficou em terceiro com 56% e em quarto lugar mudar atividades de lazer.

propagadores. Assim, o autor afirma: “Os jornalistas não só difundem o medo, mas também mascaram e criticam uns aos outros por assustar o público. Uma ampla variedade de grupos, incluindo empresas, organizações de defesa de uma causa, seitas religiosas e partidos políticos promovem e lucram com o pânico. As organizações jornalísticas se diferenciam dos demais grupos que fomentam o medo porque às vezes provam do medo que as alimentam”.

Não podemos tratar a violência urbana atual como um fenômeno natural, pois esta é fruto de um momento histórico específico, no qual os avanços tecnológicos, sobretudo os relacionados à indústria de armamentos, estão cada vez mais presentes. Arendt (1994:21) observa que: “a proliferação irresistível de técnicas e máquinas, longe de ameaçar certas classes com o desemprego, ameaça a existência de nações inteiras e, presumivelmente, de toda a humanidade”.

Trazendo esta reflexão para a realidade e contexto brasileiro, o fato é que as armas que se encontram entre nós estão cada vez mais sofisticadas e com maior poder de destruição, contribuindo para um progressivo aumento da violência. A lógica do “ferro” e do fumo tão bem analisada por Zaluar (1994) nunca fez tanto sentido entre nós.

Para Weber(1963:68), o Estado se legitima pelo monopólio legítimo da violência: “Hoje, as relações entre o Estado e a violência são especialmente íntimas. No passado, as instituições mais variadas – a partir do clã – conheceram o uso da força física como perfeitamente normal. Hoje, porém, temos de dizer que o Estado é uma comunidade humana que pretende, com êxito, o *monopólio do uso legítimo da força física* dentro de um determinado território”.

Não podemos negar que os policiais manipulam a categoria “violência” de acordo com os seus próprios interesses. Para eles, a violência encontra-se nos traficantes, nos jovens, nos assaltantes etc., naqueles que são considerados alvo da atuação policial, mas poucas vezes vêem os seus atos como violentos, o que me levou a supor que a violência encontra-se sempre no “outro” e acaba por produzir um “nós”. Os policiais afirmam que há um aumento progressivo da

violência. No entanto, os entrevistados evitam falar sobre o papel ativo dos policiais nesse contexto por eles definido como “aumento da violência”.

Apesar de afirmarem a existência de corrupção na polícia, em nenhum momento relacionaram corrupção e violência. Talvez, por isso mesmo, alimentem a crença de que a “violência” está sempre nos outros grupos, e que aos policiais cabe a tarefa de “manter as coisas em ordem”. Por vezes, este “espírito de corpo” se expressa com contundência realimentando situações de violência.

Cano (2001:117), analisando o aumento progressivo da violência policial, afirma: “O comandante da PM do Rio, Wilton Ribeiro, declarou recentemente, para responder às mortes dos policiais, que para cada policial morto ia ter um bandido morto. Esse apelo à vingança mais primitiva contribui para a reprodução da espiral da violência, cada vez mais intensa”.

Uma outra face da violência atual é que ela influencia significativamente as relações sociais entre os diferentes grupos e camadas sociais. Nesse sentido, a violência policial reifica preconceitos disponíveis na sociedade, sobretudo contra negros, pobres, jovens, nordestinos e pessoas com baixo grau de instrução. A violência segue uma seqüência lógica, escolhendo vítimas preferenciais, hierarquiza e pune aqueles que não se encontram no perfil considerado desejável.

### **A Demanda Turística e a violência**

Segundo os princípios básicos e tradicionais da economia, o componente mais importante da estrutura mercadológica é o produto, seja ele bem ou serviço. O primeiro elemento desse componente é a demanda ou a quantidade de produto que alguém, considerado consumidor, tem capacidade de adquirir a preço apresentado, dentro de um determinado período. A demanda pode ser considerada como relação funcional que traduz a quantidade a ser considerada como relação

funcional que traduz a quantidade a ser adquirida a preços diversos, num dado período e em determinado local, qualquer que seja a natureza e a utilidade do produto.

Dos muitos fenômenos diretamente influentes na demanda, os principais se referem à motivação de vantagens para os consumidores e às facilidades caracterizadas pelo baixo preço ou mesmo pela possibilidade de financiamentos convenientes. Em geral (como em qualquer tipo de demanda) a turística manifesta-se aumentada e estabilizada em seus mais altos patamares, quando os baixos custos dos produtos propiciam melhores oportunidades e condições mais favoráveis para sua aquisição.

A comercialização do produto turístico exige conceituação própria de demanda, porque a simples disposição de viagem e os meios financeiros necessários para torná-la efetiva, por si mesmos, não transformam em turista de fato quem o é apenas em potencial. Para que o potencial turista transforme em ato sua simples potencialidade, ele necessita também do tempo livre, que é o elemento indispensável para tornar real a simples potência para o exercício da viagem.

A demanda turística efetiva, isto é, aquela que efetivamente consome o produto turístico, varia de acordo com a influência de uma série de fatores, tais como: preço do produto, preço dos produtos concorrentes, preço dos produtos complementares, renda do consumidor, modismo, catástrofes naturais e artificiais, variações climáticas e nível de investimento do destino em divulgação, essa variável tem efeito direto na demanda turística, pois esse é um mercado extremamente competitivo que depende em muito do nível e da persistência dos investimentos em propaganda e publicidade.

O produto turístico é intangível e não é possível ao turista experimentá-lo antes da compra. Geralmente, ele está longe do local onde é negociado, sendo sua aquisição feita com antecedência em relação ao consumo. Assim, para convencer o consumidor das qualidades do produto há necessidade de propaganda que transmita ao mesmo tempo a imagem da destinação turística.

Algumas vezes a propaganda ‘boca a boca’ tem um efeito poderoso no aumento da demanda turística. Determinados destinos turísticos são às vezes descobertos por aventureiros que no seu retorno à cidade de residência passam a divulgar entre amigos e conhecidos a descoberta. Esta informação vai circulando de boca em boca e rapidamente aquela destinação turística se destaca e passa a ser a localidade turística da moda. As destinações turísticas da moda têm crescimento de demanda de forma quase espontânea. Outras, têm grande campanha publicitária de lançamento, tornam-se conhecidas e depois têm aumento constante de demanda, mesmo sem propaganda e publicidade, por se tornarem destinações da moda.

As demandas dos diferentes mercados turísticos são variadas, de acordo com os tipos das ofertas turísticas. Tanto a demanda efetiva quanto a potencial possuem em menor ou maior grau de intensidade, as seguintes características: elasticidade, sensibilidade e sazonalidade.

A elasticidade – O turismo é um fenômeno dinâmico marcado por contínuos movimentos de crescimento e diminuição em sua demanda, em fluxos irregulares, motivados pelos diferentes graus de sensibilidade às mudanças provocadas pela oscilação das condições financeiras e econômicas do mercado, instabilidade que influi na própria formação das estruturas de preços ao empresário e ao consumidor.

A sensibilidade – As alterações ou mutações nos campos diversos da atividade humana criam situações individuais e grupais tão diversificadas e profundas que tornam instáveis as realidades e os relacionamentos turísticos. Assim, riscos, incertezas, situações instáveis e problemas sociais de porte significativo ou de expressiva retumbância, sensibilizam a demanda que em muitos casos deixam de consumir determinado produto turístico.

A sazonalidade – As épocas das temporadas ou as estações altas ou mais aprazíveis do ano, cada qual com suas características próprias, também se constituem em fatores importantes de influência no volume e na qualidade da demanda turística.

Em virtude de sua natureza específica, o consumo da atividade turística exige um clima de paz e tranqüilidade. Em situações opostas, o movimento turístico se retrai ou mesmo desaparece. Assim, a violência urbana pode ser encarada como uma ameaça a prosperidade do setor. Por outro lado, essa mesma demanda é altamente influenciada pelo marketing e propaganda.

Desta forma, para que os problemas relacionados a violência urbana não atinjam o consumo da atividade turística do destino Rio de Janeiro, faz-se necessário os subsídios do marketing e da propaganda contrária àquela que é exposta cotidianamente nos noticiários da Cidade. Não se trata de “esconder” ou mesmo minimizar a questão da violência e sim enfatizar os aspectos positivos da “Cidade Maravilhosa”. A ênfase em estratégias de marketing que contribuam para a mudança de imagem da própria Cidade, dos policiais e de locais percebidos como violentos, tais como as favelas. Para Kotler (2002, p.7):

o marketing é um processo social e gerencial por meio do qual os indivíduos e os grupos obtêm aquilo de que precisam e também o que desejam, em razão da criação e da troca de produtos/ serviços de valor com outras pessoas.

O autor explica ainda que para o marketing, “as necessidades são percebidas como um estado de privação, já os desejos são a forma assumida pelas necessidades humanas, moldadas pela cultura e pela personalidade individual, sendo descritos pelas pessoas em termos de objetos que atenderão suas necessidades”. Ao conceito de marketing trazido por Kotler podemos acrescentar a as expectativas que os consumidores assumem diante do processo de aquisição de determinado bem. Essas expectativas são em muitos casos formadas e reforçadas pela propaganda que fazem as pessoas buscar satisfazer estas expectativas e não apenas as necessidades, sem mesmo ter consciência disto. Assim os responsáveis pelo planejamento e organização do turismo nos diversos níveis da administração pública e privada, devem agir com o foco nas expectativas, para que se chegue mais facilmente na satisfação do consumidor e da comunidade que será impactada pela atividade turística.

As diversas estratégias de marketing forma na mente do potencial turista o imaginário, isto é, representação social<sup>12</sup> do lugar. As representações sociais, por serem socialmente construídas, podem ter nas estratégias de marketing um aliado valioso na implementação de novas identidades sociais ou nos termos do jargão da atividade turística, “marcas”<sup>13</sup> que venham valorizar ou realçar aspectos desejados dos destinos turísticos. No caso da cidade do Rio de Janeiro, a problemática da violência urbana influencia negativamente a imagem local e na representação social da demanda em potencial do referido destino, a Cidade não gera o desejo capaz de produzir o deslocamento que transforma a demanda potencial em demanda real.

Como foi demonstrado, as representações sociais associadas à PMERJ oscilam dependendo do que está em jogo e, estendendo essa leitura para outros espaços e atores envolvidos na questão da violência urbana na cidade do Rio de Janeiro, concluímos que estes padecem do mesmo olhar, isto é, oscilam entre bons ou maus, perigosos ou tranquilos, vítimas ou algozes. Para a atividade turística, as representações sociais que importam e devem ser valorizadas, são aquelas relacionadas a excelência de uma cidade hospitaleira, capaz de atrair pessoas, turistas ou não interessados em sua diversidade e autenticidade. Estes valores, quando aproveitados pelo marketing turístico, são os propulsores da construção de novos pólos, dentro de destinos já consolidados. O turismo em favelas cariocas (FREIRE-MEDEIROS, 2007) é um bom exemplo de diversidade e autenticidade e cada vez mais tem atraído turistas para a Cidade.

Até pouco tempo, conforme aponta Zaluar (1998) "a imagem da favela ficou registrada como área de precariedade urbana, como o lugar de carência, da falta, do vazio a ser preenchido pelos sentimentos humanitários, do perigo a ser erradicado pelas estratégias políticas que

---

<sup>12</sup> Conceito oriundo das Ciências Sociais e que significa o conjunto de crenças, valores, idéias e impressões que se tem sobre um objeto, pessoas, lugares, atitudes, ações e demais elementos da vida em sociedade e que acabam por constituir as percepções acerca dos mesmos.

<sup>13</sup> De acordo com Kotler e Keller (2006), marca é um nome, termo, sinal, símbolo ou design, ou uma combinação de tudo isso, destinado a identificar os produtos ou serviços de um fornecedor ou grupo de fornecedores para diferenciá-los dos de outros concorrentes.

fizeram do favelado um bode expiatório dos problemas da cidade". Ainda segundo a autora, com a chegada do tráfico de drogas, na década de setenta, "a favela passou a ser representada como um covil de bandidos, zona franca do crime, hábitat natural das classes perigosas". Atualmente, percebe-se o interesse pelo que é autêntico e diverso do cotidiano de grupos sociais de distintos países e que possuem um alto padrão econômico e as favelas, com estratégias de marketing que enfatizam os valores sociais mencionados está sendo possível desconstruir a imagem anterior citada por Zaluar (1998), ao mesmo tempo em que moradores e demais componentes dessas comunidades assumem um novo olhar sobre si mesmos.

Os problemas da violência urbana na cidade do Rio de Janeiro existem e como vimos ao longo desse trabalho, são sérios e complexos, pois envolvem sobretudo, aspectos culturais. Isso equivale a dizer que é necessário medidas muito mais graves para seu combate e tentativas de minimização. Entretanto, a atividade turística não precisa ter sua imagem associada a esse aspecto da vida social carioca. A desconstrução de representações simbólicas que atrelam a Cidade à violência é possível através de soluções que apontem para a valorização de espaços até então marginalizados em lugares de inclusão. Nessa perspectiva, é possível, como observamos anteriormente, atrelar a esses espaços, uma nova identidade que poderá, como no caso de algumas favelas cariocas ser percebido através do valor de autenticidade carioca. Construir novas identidades e divulgá-las através de campanhas publicitárias com finalidade turística ajuda o turismo a desempenhar seu papel de transformador social e justifica políticas públicas que utilizam esse fenômeno como ferramenta de desenvolvimento local.

**Referências bibliográficas:**

ARENDT, H. Sobre a Violência. Tradução: André Duarte. Relume Dumará. Rio de Janeiro, 1994

BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. 4ª Edição. Bertrand Brasil. Tradução Maria Helena Kuhnner, 2005

CANO, I. **Nós e eles: direitos humanos, a polícia e a visão dicotômica da sociedade**. In: Direitos Humanos: temas e perspectivas. Regina Novaes (org). Mauad. Rio de Janeiro, 2001

COELHO, E. C. **A criminalidade urbana violenta**. Dados – revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, vol.31, nº 2, 1988. pp 145-183.

CONNELL, R.W. **Masculinities**. California: University of California Press, 1995.

DaMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis: para um paradigma do dilema brasileiro**. 6ª ed. Rio de Janeiro. Rocco, 1997

FREIRE-MEDEIROS, B. **A favela que se vê e que se vende: Reflexões e polêmicas em torno de um destino turístico**. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 22, 2007, p. 61-72.

GEERTZ, C. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Editora Vozes. Petrópolis. Rio de Janeiro, 1997

KIMMEL, M.S. **A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas**. Horizontes Antropológicos. Porto Alegre. Ano 4, n 9. p 103-117. Outubro de 1998.

KOTLER, Philip. Administração de marketing: a edição do novo milênio. 10ª ed. São Paulo: Prentice Hall, 2000.

OLIVEIRA, J.H. **A polícia e os jovens: um estudo sobre histórias de vida, práticas corporativas e conflitos urbanos**. Dissertação de Mestrado defendida no PPGSA-IFCS/UFRJ. Rio de Janeiro, Junho de 2005

RAMOS, Silvia. “**Geografia da Dura**”. www.cufa.com.br. 2003

SOARES, L. E. **Violência e Política no Rio de Janeiro**. Relume Dumará, 1996

WEBER, M. **A política como vocação**. In: Ensaios de Sociologia. Tradução: Waltensir Dutra. Revisão Técnica: Fernando Henrique Cardoso. Zahar Editores. Rio de Janeiro, 1963

VENTURA, Z. **Cidade Partida**. São Paulo. Companhia das Letras. 1994

ZALUAR, A. **As classes populares urbanas e a lógica do “ferro” e do fumo**. In: Condomínio do Diabo. Editora da UFRJ. Rio de Janeiro, 1994

\_\_\_\_\_. **A máquina e a Revolta: as organizações populares e o significado da pobreza**. Editora Brasiliense, 1985

\_\_\_\_\_. **Para não dizer que não falei do samba: os enigmas da violência no Brasil**. In: História da Vida Privada no Brasil. Schwarcz, L. M. (org. do volume). Companhia das Letras, 1998

Zaluar, Alba & Alvito, Marcos. **Um Século de Favela**. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro. 1998